



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

**A VISÃO DE PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO ESCOLAR PARA ALUNOS COM
NECESSIDADES ESPECIAIS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

LICIANE SANTOS COSTA

ORIENTADOR(A): DRA. ANA PAULA CARLUCCI

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília
Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

LICIANE SANTOS COSTA

**A VISÃO DE PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO ESCOLAR PARA ALUNOS COM
NECESSIDADES ESPECIAIS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
do Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientador (a): Dra. Ana Paula Carlucci

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

LICIANE SANTOS COSTA

**A VISÃO DE PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO ESCOLAR PARA ALUNOS COM
NECESSIDADES ESPECIAIS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

DRA. ANA PAULA CARLUCCI (Orientadora)

DRA. SUELI DE SOUZA DIAS (Examinador)

LICIANE SANTOS COSTA (Cursista)

BRASÍLIA/2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, meu criador, que me dá forças para superar todos os obstáculos na minha vida, sempre me apontando o melhor caminho.

A minha mãe que mediante as inúmeras dificuldades sempre esteve ao meu lado.

As minhas tutoras/orientadoras, que apesar do curto período de curso e de algumas trocas que houve, sempre buscaram tirar minhas dúvidas e me direcionar para as melhores práticas de estudo.

E a todos que direta e indiretamente, contribuíram para o alcance desse objetivo, que é a conclusão no curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

RESUMO

Este trabalho enfatizou o ponto de vista dos professores em relação ao desenvolvimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais do 1º ano do Ensino Médio. De forma que se obtivesse dados de como é trabalhado os assuntos escolares para com os alunos e a visão dos educadores sobre a inclusão de uma forma geral, tanto o que lhe são propostos, como trabalham no cotidiano escolar. Assim, participaram deste estudo, dois professores (um do ensino regular e outro do ensino inclusivo), que atendem adolescentes com baixa visão, no ensino regular da Escola de Ensino Médio Craveiro Costa. Para a construção das informações foi realizada entrevista semiestruturada com os professores e observação do ambiente escolar, tanto da sala de aula comum, quanto da sala de recursos inclusivos. Os resultados demonstraram que houve evolução no processo de inclusão, tanto estrutural, como metodológica, mas que há em contrapartida grande deficiência educacional, pelo fato de que, não há ainda oferecimento de cursos de capacitação a todos os professores que lidam ou que iram lidar com alunos com os citados comprometimentos, e a não presença constante dos pais dos mesmos. Entretanto, os professores acreditam que é possível sim, mesmo que de forma lenta a inclusão desses adolescentes de forma proveitosa, o que propiciaria um desenvolvimento social, educacional e intelectual.

Palavras-chaves: Visão dos professores. Desenvolvimento escolar. Necessidades educacionais. Inclusão.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	01
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	04
2.1 Aspectos da formação docente e do docente em educação inclusiva	04
2.2 Papel dos professores no processo de inclusão	06
2.3 Inclusão do aluno com necessidade educacional especial na escola regular	09
2.4 Metodologias inclusivas para o desenvolvimento escolar	11
3 OBJETIVOS	15
3.1 Objetivo Geral	15
3.2 Objetivos específicos	15
4 METODOLOGIA	16
4.1 Contextualização da pesquisa	16
4.2 Participantes	18
4.3 Materiais	18
4.4 Instrumentos de Construção de Dados	18
4.5 Construção e análise de Dados	19
4.6 Procedimentos de Análise de Dados	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	

1 APRESENTAÇÃO

O trabalho tem como tema “A visão de professores sobre o processo de desenvolvimento escolar de alunos com necessidades especiais do 1º ano do Ensino Médio”. Quando analisamos o contexto escolar, encontramos alunos de diversas origens e características diversificadas (multiculturalidade). Com isso, o professor ganha cada vez mais importância e necessita estar preparado para interagir com aqueles, de forma que, quando este está no processo de formação passa por todo um processo de preparação tanto da sua área de atuação (matemática, ciência, geografia, história, dentre outros) e principalmente pedagógica, com ênfase na didática, pois esta é que lhe dará embasamento para lidar com os educandos (como se comportar, como interagir, como lecionar, ou seja, a melhor forma de lecionar a matéria em questão dentro de uma sala de aula).

Dessa forma, quando o professor entra em sala de aula, mesmo que esteja bastante preparado teoricamente, o dia-a-dia escolar lhe mostra que a realidade dentro de uma sala de aula é muito mais complexa, onde aquele padrão de aluno idealizado é distorcido, e este educador tem de estar preparado para lidar com todos os alunos, incluindo aqueles com necessidades especiais.

Embora a escola precise ser repensada, para atender a cada necessidade, é necessária uma reflexão, a começar pelo profissional, que não esteja ali apenas pelo seu salário, mas sim para desenvolver um trabalho diferenciado, atendendo cada um dentro da sua necessidade e que esse profissional possa desenvolver seu trabalho com êxito, embora ele seja preparado para trabalhar com a diversidade, acaba tendo que adaptar-se ao meio, sem qualquer valorização ou capacitação específica (SILVA & ARRUDA, 2014, p. 4).

A partir disso, nos deparamos com as seguintes questões: Partindo do ponto de vista dos professores do 1º ano do Ensino Médio, o desenvolvimento escolar de alunos com deficiência está obtendo êxito? O que precisa ser melhorado? Os professores estão preparados para participar desse processo?

A intensa busca de pais e familiares para proporcionar a educação a seu filho, não importando a característica que lhe pertença, seja dito “normal” ou não, fez com que a visão social começasse a mudar e conseqüentemente, leis de incentivo a inclusão no ensino surgissem, e o ensino e paralelamente a pedagogia foram modificados com o passar dos tempos, chegando aos dias atuais que culminaria em um professor capacitado e com uma perspectiva de ensino diversificada e inovadora.

Entretanto, é fato que o processo de ensino é complexo, envolvendo inúmeros fatores externos e internos de uma sala de aula, onde o professor tem que estar preparado para qualquer tipo de adversidade, pois cada aluno possui uma necessidade, seja ela educacional ou especial. Em vista que, um plano de aula nunca será ministrado de uma mesma forma dentro de várias salas de aula, pois cada uma possui suas particularidades, cabe ao professor saber ser flexível e possuir domínio sobre a disciplina, de maneira que venha a facilitar a mediação de conhecimentos, de modo que atinja a todos.

Portanto, a escolha do tema foi devido a curiosidade de buscar compreender quais são os métodos a serem melhorados para que o aluno com deficiência possa obter êxito no seu desenvolvimento, onde o professor que é o eixo principal de mediação do conhecimento deve buscar sempre novas metodologias que alcancem todos os alunos, de forma que facilite a assimilação do conteúdo exposto, não importando as diferenças encontradas naquele âmbito.

Com isso em foco, objetivamos analisar o ponto de vista dos professores em relação ao desenvolvimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. E os objetivos específicos são observar os métodos de ensino utilizados pelos professores dando enfoques inovadores e inclusivos que possibilitam o desenvolvimento escolar de alunos com deficiência e analisar a opinião dos professores referentes às novas técnicas de ensino que poderiam ser utilizadas na escola.

Buscando articular a perspectiva teórica ao objetivo e à perspectiva metodológica, o presente trabalho constitui-se de três partes. A primeira parte é a fundamentação teórica. A segunda parte é o método e a terceira refere-se aos resultados, discussão e considerações finais.

A fundamentação teórica está subdividida em uma seção, com quatro subitens: O primeiro subitem, intitulado aspectos da formação docente e do docente em educação inclusiva, o segundo subitem é papel dos professores no processo de inclusão, o terceiro subitem sendo, inclusão do aluno com necessidade educacional especial na escola regular e o último subitem com o título de metodologias inclusivas para o desenvolvimento escolar.

No método apresentamos o contexto da pesquisa; a participante; os instrumentos utilizados no estudo; a construção das informações e a análise das informações. Nos resultados apresentamos e descrevemos o significado e os desafios da escola inclusiva para o docente. Por fim, nas considerações finais apresentamos algumas reflexões sobre o estudo e sobre a possibilidade e limitação de aplicação das técnicas utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aspectos da formação docente e do docente em educação inclusiva

Diante das diversas transformações que ocorriam no mundo devido às revoltas e revoluções, como a Francesa e a das Treze colônias inglesas, era preciso que houvesse pessoas mais preparadas para transmitir o que o mundo conquistava a cada dia, e assim tornou-se necessário o surgimento de centros de formação para capacitar pessoas na transmissão de conhecimento.

De acordo com Duarte (1986, p.65 a 66 apud Saviani 2009, p. 143), “o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores teria sido instituído por São João Batista de La Salle, em 1684, em Reims, com o nome de Seminário dos Mestres”. Sabemos que no Brasil os primeiros a instituírem a educação foram os padres Jesuítas, que por meio da catequese lecionavam, transmitindo suas culturas e saberes, se baseando na religião. Uma vez que, a sua formação ao ensino se pautava no estudo do evangelho, e para tanto todos os outros saberes eram consequências do mesmo.

Assim, o ensino no período colonial não houve preocupação com a preparação de educadores, uma vez que isso ficava ao encargo da igreja, onde essa se pautava apenas em princípios religiosos. Isso passou a ser alterada a partir da independência do Brasil Colônia, que assim como acontecia no mundo revoltas, propiciou alterações do quadro educacional local, com a organização da instrução popular, principalmente por pessoas formadas em advocacia e medicina em outros países, que acabaram retornando para o Brasil.

É na Lei das Escolas de Primeiras Letras, promulgada em 15 de outubro de 1827, que essa preocupação apareceu pela primeira vez. Ao determinar que o ensino, nessas escolas, deveria ser desenvolvido pelo método mútuo, a referida lei estipula no artigo 4º que os professores deverão ser treinados nesse método, às próprias custas, nas capitais das respectivas províncias. Portanto, está colocada aí a exigência de preparo didático, embora não se faça referência propriamente à questão pedagógica (SAVIANI, 2009, p. 144).

Dessa forma, a partir dos marcos iniciais de busca de implantar escolas de formação para educadores, foi verificado no decorrer dos anos a busca de torna-los pessoas

capacitadas ao enriquecimento de conteúdos curriculares e que pudessem instigar alunos dos mais variados níveis ou séries de ensino através de atividades lúdicas. Atualmente, observa-se a utilização de teorias de diversos autores que ganharam renome por se destacar no estudo de processos de aprendizagem e de práticas de ensino engajadas na qualidade, tanto nacionais como internacionais: Vigotski, Piaget, Paulo Freire, e outros.

Dessa forma, busca-se cada vez mais preparar as pessoas que se dedicam ao ensino, de forma que, haja uma estruturação educacional capaz de lhes propiciar um engajamento científico, educacional e pedagógico, de forma que estejam preparados a ensinar as diferentes áreas de conhecimentos, como biologia, matemática, história e outros. Busca-se uma transformação de todos os paradigmas que acorrentavam o ensino por práticas pedagógicas tradicionais, que valorizavam a transmissão do conhecimento, não importando as necessidades, anseios, facilidades e dificuldades na realidade escolar, por práticas de ensino que valorizem o ensino/aprendizagem como um todo, observando tanto o lado do educador quanto do educando.

Ao expressar que o ensinar não se limita apenas em transferir conhecimentos, senão também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo (FREIRE 1996, s./p. apud DASSOLER; LIMA 2012, p. 1).

Sendo assim, com novas práticas de ensino houve a possibilidade de acolher seres humanos tanto adultos como jovens e crianças que possuíam algum tipo de necessidade especial, que até então eram descartados não só pela escola, como por toda sociedade, que ansiavam por educação. Assim, surgiu novamente a necessidade de uma nova formação por parte dos professores, agora não somente de um ensino/aprendizado das diversas matérias que compõem a grade curricular, como dito anteriormente, mas também por uma qualificação que integre e promova o desenvolvimento de alunos com as mais variadas necessidades educacionais especiais.

Falar de formação de professores é falar de algo tão antigo quanto atual, tão explorado quanto desconhecido, tão banal quanto fundamental – substantivos que se contrapõem e ao mesmo tempo se completam, apontando um caminho tortuoso. O debate sobre a profissionalização docente não é recente, e nas últimas décadas se intensificou devido as iniciativas de reestruturação curricular das escolas normais e dos cursos de pedagogia, com as experiências de novos cursos de formação em nível

superior e também com a produção acadêmica intensa sobre o assunto (SILVA, 1991, s./p. apud CASTRO, 2006, p. 2).

Assim, primeiramente precisa haver uma tentativa de eliminação do preconceito por parte de cada educador, e depois a análise de qual necessidade cada aluno em particular dentro de sua sala de aula tem, para que possa propiciar a evolução continuada e comum a cada aluno. E isso, deve advir da formação não somente acadêmica, mas de todo o seu currículo educacional e social, através de convívio com pessoas, de matérias didáticas, dentre outras. Dessa maneira, ganha ênfase o estágio supervisionado que propicia ao estudante que está em formação o ato de lecionar interagir e colocar em prática tudo aquilo que aprendeu na teoria e principalmente saber envolver todo tipo de educando com qualquer necessidade que possua.

Portanto, o atual e grande desafio posto para os cursos de formação de professores é o de produzir conhecimentos que possam desencadear novas atitudes que permitam a compreensão de situações complexas de ensino, para que os professores possam desempenhar de maneira responsável e satisfatória seu papel de ensinar e aprender para a diversidade. Para tanto, faz-se necessário elaborar políticas públicas educacionais voltadas para práticas mais inclusivas, adequar a formação de professores às novas exigências educacionais e definir um perfil profissional do professor, ou seja, habilidades e competências necessárias aos professores de acordo com a realidade brasileira (NUNES SOBRINHO; NAUJORKS, 200, s./p. apud PLETSCHE, 2009, s./p.).

De acordo com Vygotsky (1997 apud MIRANDA; FILHO, 2012, p. 12) a relação educativa constitui-se, como tal, na medida em que se desenvolvem mediações (ações, linguagens, dispositivos, representações) que potencializem a capacidade de iniciativa e de interação das pessoas. Assim, não adianta apenas ter um curso de capacitação que demonstre sua autonomia no ato de ensinar pessoas com necessidades especiais, para além disso, o educador deve buscar maneiras de instigar a criatividade e a comunicação desses estudantes, essas que o educador adquire tais experiências de acordo com a sua convivência no decorrer da sua vida individual ou até mesmo escolar.

2.2 Papel dos professores no processo de inclusão

Em um processo de ensino/aprendizagem de qualidade um papel de extrema importância para o sucesso é a figura do educador, que faz a ligação diária do

conhecimento com o aluno. Para tanto, esse personagem se qualifica durante anos para que possa lecionar aos alunos da melhor forma possível, tanto com conhecimentos nas diversas matérias que compõem a grade curricular, como de práticas pedagógicas, as mais didáticas possíveis, com o intuito de que ambos, o conhecimento e a prática, possam colaborar intensamente no formato de suas para com os alunos.

A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas (LACERDA, 2006, p.167).

Dessa forma, o professor precisa estar preparado a encarar diariamente em cada ano letivo uma miscigenação de características e necessidades individuais de seus alunos. Assim, será exigido a colocar em prática tudo aquilo que aprendeu em sala de aula, quando este era estudante, como aquilo que ainda irá aprender para dar prosseguimento a suas aulas.

Ao professor que deseje trabalhar com o aluno incluso, torna-se fundamental o rompimento com os paradigmas operantes que valorizam a fragmentação do sujeito e do conhecimento. Requer a reconstrução de conceitos em que o sujeito passe a ser visto como um Outro personificado, e não mais sob a condição de atributos e rótulos que limitam suas possibilidades. Requer o rompimento de barreiras impostas e forjadas no social, de modo que seja oferecido ao aluno o direito de ser reconhecido como o 'João' ou a 'Maria'. Requer a admissão do dever de promover a aprendizagem e o desenvolvimento, apesar das dificuldades pessoais, institucionais ou sociais que se apresentam (SANTOS-LIMA, 2010, p.12).

Nessa linha de raciocínio, surge a presença de um elemento bastante presente no cotidiano escolar nos dias atuais, que são as crianças com necessidades educacionais especiais, que constituem uma grande leva de educandos sedentos de aprendizado, da mesma forma como qualquer aluno. Dessa formam, precisam os educadores ir além do estabelecido na sua formação acadêmica, e muito mais do que o simples cumprimento de leis e normas vigentes sobre educação daqueles alunos. Precisam construir planos de aulas que possam levar todo aluno, não importando seu anseio de mãos dadas para o sucesso no final do ano.

Apontam também os sentimentos dos professores com relação a seu trabalho, destacando-se: o choque sentido por eles no início do trabalho com alunos com deficiência, que faz com que percebam um vazio na sua formação e a falta de treinamento e conhecimentos específicos, assim como o fato de que esses novos sujeitos na sala de aula, exigem novas capacidades e novos modos de pensar também do professor (ANJOS; ANDRADE e PEREIRA, 2009, s./p. apud BRIANT; OLIVER, 2012, s./p.).

De acordo com Toledo e Martins (2009, p. 4127), atualmente, encontramos muitos professores que temem receber em suas salas de aula alunos com necessidades educacionais especiais, eles dizem não estar preparados para atuar em salas tão heterogêneas. Assim, esse temor por parte dos professores acaba prejudicando o processo de inclusão, pois muitas vezes se vê obrigado a aceitar tal condição e acaba desenvolvendo um trabalho insatisfatório.

É muito difícil avançar no sentido das escolas inclusivas se os professores em seu conjunto, e não apenas professores especialistas em educação especial, não adquirirem uma competência suficiente para ensinar todos os alunos (MARCHESI, 2004, p. 44 apud TOLEDO; MARTINS, 2009, p.4129).

Conforme Duboc (2004, p.126), sustentado na teoria Vygotskyana, o professor deve ser preparado para compreender o desenvolvimento dos alunos, respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um e com a clareza do seu papel de educar e desenvolver a todos.

Assim, o professor sendo o principal mediador do conhecimento deve a cada dia buscar novas especializações na área inclusiva, deixando de achar que os professores especialistas são os únicos responsáveis pela construção da informação, para assim adquirirem uma consciência de que independente das diferenças, o seu papel de ensinar deve atingir a todos.

Um professor de sala de aula regular, não pode ser diferente de um professor de inclusão, onde seja valorizado o respeito mútuo à sua capacidade e seu espaço, facilitando assim sua atuação de forma livre e criativa proporcionando a cada um, uma sala de aula criativa e diversificada, dando a oportunidade de participar das atividades adaptadas às necessidades de cada aluno, já que o professor vai ser sempre o responsável pelo sucesso ou pelo fracasso da aprendizagem dessa criança (SILVA; ARRUDA, 2014, p.5).

Talvez o que deixe o professor mais preocupado, seja a insegurança em relação à sua inexperiência, já que nos cursos superiores aprendeu apenas

a lidar com a teoria e não teve acesso às práticas pedagógicas, diretamente com alunos especiais (SILVA; ARRUDA 2014, p.6).

Portanto, verifica-se que o professor tem papel primordial para o sucesso da inclusão escolar. Isso porque, mesmo com a criação recente das mais variadas leis e normas, para englobar todos os alunos não importando suas necessidades, cabe ao professor como agente direto de inclusão fazer com que cada aluno se sinta parte de um todo e isso advém de suas práticas diárias dentro e fora da sala de aula. Precisa propiciar não só o aprendizado e desenvolvimento intelectual de cada educando, mas mostrar a cada um que são seres humanos e, portanto, tem direito a uma educação de qualidade e equidade de direitos e deveres.

Temos convicção de que o professor é uma peça muito importante no conjunto que movimenta todo o sistema educacional. Nesse sentido, é fundamental que o professor da escola regular seja devidamente capacitado para receber esse novo alunado que está chegando à escola (ZAMPIERI; SOUZA; MONTEIRO, 2008, p.4).

2.3 Inclusão do aluno com necessidade educacional especial na escola regular

Ao analisarmos seres humanos de uma forma geral, percebe-se que todos são diferentes, dessa forma, educandos possuem suas peculiaridades individuais e que a escola teve se adaptar a abranger todos os alunos com as mais variadas necessidades, sejam elas apenas de intelecto ou mais complexas, como as de baixa visão, surdez e outras.

Aceitar e aprender a conviver com a diversidade é o primeiro passo para a criação de uma escola de qualidade para todos. Esses fatos reforçam a percepção de que as políticas de inclusão devem ser adotadas, permitindo que uma parcela de alunos anteriormente excluída das demais, possa a partir daí fazer parte das escolas comuns ou regulares (BERETA; VIANA, 2012, p.114).

Sendo que de uma forma geral houve uma grande evolução educacional de como lecionar a esses alunos, uma vez que com uma pedagogia diversificada e abrangente pode transcender as barreiras do preconceito para com aqueles que eram desprezados não só na educação como também na sociedade. Portanto, para que houvesse a inclusão houve a necessidade da criação e do desenvolvimento tanto de metodologias inovadoras, professores capacitados, investimento em recursos pontuais para que esses itens como outros pudessem construir uma escola que conseguisse atender qualquer tipo de aluno.

A efetivação da inclusão exige a superação de vários desafios, tais como: estabelecimento de novas formas pedagógicas, capacitação dos professores para saber lidar com diferentes problemáticas, os alunos e a própria criança deficiente precisa participar ativamente de seu processo de inclusão. Entretanto para zelar pelas crianças que necessitam de atenção especial na educação regular é preciso criar uma rede de apoio que envolva (todos os atores) ou especialistas como: psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, dentista e outros. Dessa forma, a concepção de aprendizagem é tida como um processo que sempre inclui relações entre indivíduos, onde a interação do sujeito com o mundo se dá pela mediação feita por outros sujeitos (SOUZA et al., s./a., p.3).

De acordo com Barbosa e Barreto (s./a., p.5), “o surgimento das escolas especiais foi à primeira oportunidade que tornou possível o acesso dos alunos com necessidades especiais à escola, pois anteriormente estas pessoas eram percebidas como seres ineducáveis”.

A inclusão escolar da pessoa com necessidades educacionais especiais é um tema de grande relevância e vem ganhando espaço cada vez maior em debates e discussões que explicitam a necessidade de a escola atender às diferenças intrínsecas à condição humana (SILVEIRA; NEVES, 2006, p. 1).

Dessa maneira, é evidente que o processo de inclusão escolar só se tornou possível depois de algumas décadas de lutas, pois em civilizações antigas pessoas com deficiência eram consideradas monstros e inúteis, assim impossíveis de ser educadas. Com o passar do tempo, certos conceitos foram mudando e pessoas com necessidades especiais foram ganhando espaço e oportunidades dentro da sociedade, conquistando o direito a educação.

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares inaugura uma nova demanda educacional e traz consigo a urgência de uma formação docente ressignificada por meio da qual os professores possam adquirir novos conhecimentos desenvolver maiores habilidades frente às práticas pedagógicas cotidianas (BARBOSA; BARRETO, s./a., p.10).

Entretanto, devemos nos preocupar também na maneira em que tratamos os alunos com necessidades educacionais especiais, pois para que possamos tornar a escola um verdadeiro ambiente inclusivo tem que ter certos cuidados de como nos expressamos, para não acabarmos falando ou tratando algum aluno de maneira que o mesmo venha a achar que estamos o discriminando.

Por conseguinte, para que ocorra de maneira satisfatória a inclusão de alunos com necessidades especiais na escola regular é de suma importância que haja uma reforma educacional, buscando novas metodologias e explorando novas habilidades dos professores, para torna-se possível a sua atuação dentro de sala de aula, essa que todos os dias possui uma realidade diferente.

Incluir pessoas com necessidades educacionais especiais na escola regular pressupõe uma grande reforma no sistema educacional. Isto implica na flexibilização ou adequação do currículo, com modificação das formas de ensino, metodologias e avaliação; implica também no desenvolvimento de trabalhos em grupos na sala de aula e na criação e adequação de estruturas físicas que facilitem o ingresso e a movimentação de todas as pessoas (FRIAS; MENEZES, 2008, p.13).

Assim, a inclusão vem tomando seu espaço tanto dentro da sociedade, quanto dentro do âmbito escolar, em vista que vivemos em uma época onde o respeito pela diversidade e a o direito de educação tornou-se uma questão ética, levando pessoas a lutarem por uma sociedade mais justa e igual para todos.

A inclusão escolar foi abordada por meio da inter-relação de diferentes aspectos. Inicialmente buscou-se interligar as questões históricas que envolvem o conceito de deficiência com as questões históricas que participaram da constituição do processo de inclusão social desse grupo de pessoas. A inter-relação dos processos indica para a continuidade da dicotomização tradicional entre os aspectos individual e social: enquanto historicamente a deficiência é compreendida como um problema individual, a inclusão é constituída como um processo de transformação social. É, portanto, necessário um ajuste de concepções integradoras em que o individual e o social se constituam como uma unidade tanto de análise quanto de ação (COELHO, 2010, p. 69).

De acordo com Baptista (2003, s./p. apud SCARDUA, 2008, p. 86), “a inclusão escolar seria a transformação da escola para receber o aluno, ou seja, a escola deve se adaptar as necessidades do aluno e não o contrário”. Apesar desse pressuposto, ainda existem muitas instituições que se mantêm firmes em não aceitar pessoas com necessidades educacionais especiais, pelo simples fato de acharem que essa readaptação escolar e curricular é um processo que gera muito trabalho e gastos. Existem também

aquelas que só existem no papel o nome de “escola inclusiva”, quando na verdade não apresentam pouca ou nenhuma estrutura para receber tais alunos.

2.4 Metodologias inclusivas para o desenvolvimento escolar

Para que ocorra o desenvolvimento de alunos com NEEs (Necessidades Educacionais Especiais) é necessário que a escola deixe de lado todo tradicionalismo e comece a buscar novos métodos de ensino, buscando recursos e estratégias diferenciadas, essas que venham a alcançar a sala como um todo, deixando de lado a sala heterogênea e buscando obter a homogênea, onde todos recebem por igual o conhecimento.

Como consequência das atuais mudanças que perpassam a educação em todo país, se instala a necessidade de equiparar as oportunidades de acesso e permanência na escola, garantindo uma educação de qualidade para todos. Neste sentido, os sistemas educacionais procuram articular orientações e diretrizes, com o objetivo de melhor subsidiar esses sistemas, para avançarem num processo de reforma estrutural e organizacional (ALVES; BARBOSA, 2006, p.18 e 19).

Assim, pode-se perceber com o passar dos anos a educação como um todo vem se transformando em algo mais didático e inclusivo que possa abranger todos os alunos. Uma vez que, ao olhar no passado a mesma era ditada por práticas e métodos bastantes rígidos e preconceituosos, que não valorizava as características individuais de cada aluno e no ensino era valorizado a transmissão, não importando como era o aprendizado, e sim o quanto era ensinado, onde era valorizado a famosa “decoreba”. E com o passar dos anos, houve uma intensificação na busca das melhores práticas de ensino para que se obtivesse o melhor resultado de aprendizado do aluno, e agora havendo a valorização do como era aprendido.

Dessa forma, houve uma evolução tão expressiva na educação que classes de crianças que antes eram excluídas do cenário escolar, passaram a serem figuras cada vez mais presentes dentro da sala de aula. Isso por que, até então estas crianças que possuem necessidades educacionais especiais ou eram obrigadas a ficar em casa sem ter direito a educação, uma vez que o preconceito começava dentro da própria casa, ou eram levadas a instituições de ensino específicas para atender tais crianças. Ambas as ações não favoreciam o desenvolvimento das mesmas.

No passado os especiais mantinham-se em escolas apropriadas somente para desenvolver habilidades da vida diária que ainda não sabiam realizar sozinhos. A escola não estava preocupada em abrir espaço para a inclusão da diversidade humana, não propiciando condições para que o aluno com NEE tivessem acesso aos conhecimentos do currículo oficial (MANTOAN, 1988, s./p. apud BRAGA, s./a., p.3).

Conforme Silva (2009, p.20), a educação deve lançar olhar para o futuro, refazer a prática pedagógica, observando as modificações estruturais do mundo com a finalidade de aliar cada vez mais teoria a prática. Dessa maneira, para obter-se êxito no desenvolvimento escolar de alunos NEEs é preciso termos uma nova visão referente as práticas pedagógicas, reformulando métodos de se transmitir o conhecimento.

Neste sentido, a reorganização do sistema educacional, na perspectiva inclusiva, aponta para um novo modelo de escola e, conseqüentemente, um novo modelo de formação docente que requer um professor preparado para atuar em uma escola pautada na atenção à diversidade, para desenvolver sua prática pedagógica considerando diferentes modos de aprender e ensinar, contrários a cultura escolar tradicional até então vigente, historicamente excludente, seletiva, pautada em um modelo de ensino homogeneizador. Deve assim assegurar recursos, estratégias e serviços diferenciados e alternativos para atender às especificidades educacionais dos alunos que necessitam do AEE (GIROTO; POKER; OMOTE, 2012, p.12).

De acordo com Sanches (2005, s./p.), “a educação inclusiva só existe se forem introduzidas nas salas de aula estratégias e práticas diferentes daquelas que tradicionalmente se praticam”.

Toda comunidade escolar, composta de pais, professores e gestores, deve a cada dia levar para dentro da sala de aula práticas mais diversificadas possíveis, de uma forma que, cada aluno possa estar motivado a chegar a ir para aula sabendo que a mesma não será um roteiro monótono padrão. O aluno precisa se sentir valorizado e conseqüentemente valorizar a aula que estão lhe propiciando na escola, e havendo um conseqüente englobamento de crianças com necessidades especiais, que são tiradas do papel práticas de alguns estudiosos da área e leis que amparam tal situação. De uma forma que, são propiciadas dentro da escola: adequação do ambiente físico, recursos multivisuais, salas de recursos, auxiliares educacionais e principalmente professores capacitados.

Cabe destacar, que a escola não basta estar fisicamente estruturada para ter resultados positivos, é preciso contar de forma efetiva com o apoio de funcionários de todo o segmento escolar, desde o porteiro que recebe os alunos num primeiro momento até o gestor responsável pelo bom

funcionamento da instituição. Esta deve ainda assegurar a participação dos familiares (dos alunos) e membros da comunidade na qual o aluno está inserido buscando dessa maneira a reafirmação de uma educação não excludente (BARBOSA; SALDANHA; BARBOSA, s./a., p.9).

Segundo Granemann (2005, p.12), “para tentar viabilizar a “utopia” da educação inclusiva, a instituição escolar é desafiada a mudar, adequando-se a essa nova realidade, mediante transformações de ordem física, relacional e pedagógica na sua estrutura e no seu funcionamento”. Dessa maneira, deve haver não só a mudança nas metodologias de ensino, como também na estrutura física e pedagógica da escola, buscando uma melhoria na transmissão do conhecimento.

A disposição para rever as práticas, inventar novas formas de relacionamentos, buscar saídas, modificar os espaços e reinventar direcionamentos metodológicos na escola, cuidar da formação dos agentes educativos é um fator essencial nesse processo de implementação da proposta inclusiva. São esses caminhos que, em meio a avanços e recuos, vêm sendo percorridos por algumas escolas que estão enfrentando, com algum sucesso, o desafio de mudar (GRANEMANN, 2005, p.15).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar o ponto de vista dos professores em relação ao desenvolvimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais do 1º ano do Ensino Médio.

3.2 Objetivos Específicos

- Observar os métodos de ensino utilizados pelos professores dando enfoque inovadores e inclusivos que possibilitam o desenvolvimento escolar de alunos com deficiência;
- Analisar a opinião dos professores referentes a novas técnicas de ensino que poderiam ser utilizadas na escola.

4 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa é uma ramificação de pesquisa totalmente diferente da quantitativa, em vista que, esta está direcionada a instrumentos estatísticos para análise de dados, enquanto a qualitativa busca um maior contato do pesquisador com o objeto de estudo. Assim, o pesquisador que tem como opção esse tipo de pesquisa possui um entendimento maior sobre a situação estudada, pois tem uma interpretação mais ampla do objeto de estudo.

Segundo Neves (1996, p.1), os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e os objetivos. Godoy ressalta (1995, p. 62 apud NEVES, 1996, p.1) a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber:

- (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- (2) o caráter descritivo;
- (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- (4) enfoque indutivo.

De acordo com Maanen a pesquisa qualitativa (1979, p. 520 apud NEVES, 1996, p.1) tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Assim, essa pesquisa voltada para minha área de estudo torna-se de suma importância, em vista que, a mesma não é uma mera pesquisa só para obtenção de dados, mas que poderei ter um maior contato e compreensão com objeto de estudo a qual escolhi, com isso, permitindo uma análise mais complexa e detalhada.

4.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada com professores de alunos com baixa visão que frequentam o 1º ano da Escola de Ensino Médio da cidade do Cruzeiro do Sul. Os motivos de escolha da escola foram: primeiro, devido a pesquisadora trabalhar na mesma há dois

anos, assim conhecendo a gestão e alguns professores, segundo, o trabalho do diretor para com a escola, buscando sempre a melhoria da mesma e terceiro, a maneira da mesma acolher as pessoas que lá se apresentam.

A escola estudada atende a uma clientela de 881 alunos, sendo que destes, 829 estão matriculados na modalidade de Ensino Médio Regular que compreende alunos de idade correspondente a cada série em que estão matriculados, onde 14 possuem necessidades educacionais especiais e, 254 estão matriculados no PEEM (Programa Especial de Ensino Médio) para alunos que se encontram em distorção idade-série. Os alunos são provenientes de famílias com um nível sócio econômico médio e baixo, as quais, na maioria das vezes, não possuem recursos financeiros suficientes para o suprimento de suas necessidades básicas, entre elas, moradia, saúde, alimentação e lazer.

A referida escola funciona atendendo toda a sua clientela no turno diurno e noturno, que compõem 34 turmas sendo que destas 14 funcionam no turno matutino, 14 no turno vespertino e 06 no noturno.

Composta por um total de 47 professores, todos com graduação e lecionando disciplinas correspondentes à sua especialização, exceto os professores de física e química pelo fato de não haver pessoas formadas na área no município de Cruzeiro do Sul. Vale ressaltar, ainda, que desses professores, apenas 17 pertencem ao quadro permanente da escola por terem contrato efetivo com a secretaria de educação do estado. Os demais são contratados em caráter provisório que pode ser renovado a cada ano.

A escola tem como objetivos: proporcionar ao educando os meios para a aquisição de conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades indispensáveis ao exercício da cidadania; colaborar para a formação de cidadãos conscientes, visando integrá-los ativamente à comunidade; promover o desenvolvimento integral da personalidade do educando, estimulando-o à reflexão, ao senso crítico, à criatividade e ao reconhecimento de suas capacidades e limitações; proporcionar ao educando a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade e garantir um padrão de qualidade no ensino público, valorizando as experiências extraescolares, mantendo vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

4.2 Participantes

Duas professoras, sendo uma do ensino regular – Professora 1, 40 anos de idade, formada em Pedagogia, com experiência profissional de 8 anos e outra da inclusão – Professora 2, com 49 anos de idade, formada em Pedagogia, com experiência profissional de 2 anos na área de educação inclusiva.

A escolha das professoras deu-se por elas lecionarem a alunos com necessidades educacionais especiais. Assim, sendo escolhida uma que trabalha diretamente com esses alunos, que é a professora da sala de recursos, e uma que tem uma maior preocupação de esta incluindo-os na sala regular, que é a professora de ensino regular.

4.3 Materiais

Os recursos utilizados para a construção, organização e análise das informações foram:

- Celular;
- Notebook;
- Folha de papel A4;
- Caneta;
- Caixa de som.

4.4 Instrumentos de Construção de Dados

Foi utilizada a entrevista aberta semiestruturada, no dia 23 de Setembro de 2015 (Apêndice A) para com os professores, com o intuito de analisar sua visão sobre o processo de inclusão escolar e como atuam juntamente aos alunos com necessidades educacionais especiais. Para que assim, haja a verificação de como são as ações educacionais por parte de cada educador e relacionar as suas percepções tanto dentro da sala de aula, como dentro da comunidade a qual pertence.

4.5 Construção e Análise Interpretativa de Conteúdo

Alguns dias antes das entrevistas tivemos uma conversa prévia, onde explicamos sobre o projeto de pesquisa e explicamos para as mesmas os objetivos, para que, assim elas pudessem ou não concordar em ceder tais entrevistas a mim. Assim, após a conversa, marcamos um dia para eu estar retornando e realizando a referida entrevista.

Dessa forma, no dia combinado, foram feitas duas entrevistas, uma com a professora de ensino regular e a outra com a professora de ensino inclusivo. A entrevista com a professora de ensino regular foi realizada na parte da tarde, na biblioteca da escola, no seu horário de intervalo, com a duração de aproximadamente cinco minutos, feita individualmente, através de gravação.

Enquanto a entrevista com a professora de ensino inclusivo foi logo no início da tarde, realizada na sala de recursos, com a duração de aproximadamente dez minutos, onde tal educadora deu respostas mais estruturadas, a mesma também foi feita individualmente, através de gravação. Portanto, todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra.

4.6 Procedimentos de Análise Interpretativa de Conteúdo

Assim, após a transcrição das entrevistas, as mesmas foram submetidas a análise interpretativa de conteúdo, onde de acordo com Bardin (2009 apud FARAGO e FONFOCA s./a., p. 2), o primeiro é o recuso do computador; o segundo o interesse pelos estudos inerentes à comunicação visual e o terceiro é a inviabilidade de precisão dos trabalhos linguístico.

Segundo Berg e Bauer (1998, s./p.; 2002, s./p. apud SILVEIRA; NEVES 2006, p.81) a análise de conteúdo aplica-se a discursos e baseia-se na dedução ou inferência sistemáticas, de forma objetiva identificando algumas características da mensagem, por meio da construção de categorias, reunidas por temas de significação.

Dessa maneira, através dos resultados das entrevistas realizadas, foram destacadas sete categorias, essas que são:

- A concepção dos professores sobre inclusão escolar atualmente;
- A análise da sala de recursos como um dos meios de desenvolvimento;

- Impacto das atividades realizadas pelos professores com os alunos com necessidades especiais;
- A relação família-escola no processo de desenvolvimento escolar;
- Diagnóstico do desenvolvimento escolar;
- Contribuição da gestão escolar no processo de desenvolvimento do aluno;
- O impacto das Relações Interpessoais no desenvolvimento.

5 RESULTADOS E DISCUSÃO

A análise dos episódios realizados com duas professoras, uma do ensino regular e outra do ensino inclusivo, onde as mesmas nos mostraram suas perspectivas a respeito da inclusão escolar, possibilitou a identificação de sete categorias.

Primeira categoria - **A concepção dos professores sobre inclusão escolar atualmente** – os professores relataram uma evolução quando se trata da inclusão escolar, tendo em vista que, até certo tempo essa ideia não era tão aceita por parte de algumas escolas, enquanto atualmente a maioria das escolas atende a esse tipo de público. Mesmo alguns educadores não possuindo formação ou aptidão para lecionar para tais alunos, a escola tem como obrigação aceitar e incluí-los da melhor forma possível.

Comparando com o que era antes esta muito melhor, quase não existia, foi a partir do ano passado para cá que começou esse processo de inclusão melhorando mesmo esta esse ano, pois ano passado nem sala de recurso tinha onde os alunos ficavam na sala dos professores e biblioteca (Professora 1).

Segundo a Professora 2, *esta melhorando, mas ainda esta complicado, pois existe alguns professores que não estão aptos a receber esse tipo de aluno e hoje precisa de recurso para melhorar na parte pedagógica.*

O processo educativo acompanha a sociedade em cada passo de mudança de ideologia, de uma forma que esta de algumas décadas atrás até os dias atuais mudou sua concepção de como ver as pessoas com necessidades especiais, isso porque, estas eram consideradas um atraso e sem valor como força física e intelectual. Assim, aquela ao acompanhar tais mudanças realizou uma profunda alteração filosófica e metodológica em sua pedagogia para uma melhor inclusão de todas as pessoas independente de suas limitações.

Portanto, observa-se nas respostas proporcionadas pelos professores no presente estudo tanto do ensino regular, quanto do ensino inclusivo profundas alterações na forma de lecionar, conseguindo alcançar todos os alunos. **A** cada ano maiores investimentos por parte do governo do estado/secretaria de educação e maior capacitação para com os professores e toda equipe escolar que lidar direta ou indiretamente com tais alunos.

A implementação da inclusão tem como pressuposto um modelo no qual cada criança é importante para garantir a riqueza do conjunto, sendo

desejável que na classe regular estejam presentes todos os tipos de aluno, de tal forma que a escola seja criativa no sentido de buscar soluções visando manter os diversos alunos no espaço escolar, levando-os a obtenção de resultados satisfatórios em seu desempenho acadêmico e social (MAZZOTA, 1996, s./p. apud LACERDA 2006, p.167).

Segundo Sasaki (1997, p. 41apud ACQUA 2007, p. 117), a inclusão é “[...] um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades educacionais especiais e, simultaneamente, estas se prepararam para assumir seus papéis na sociedade”.

Segunda categoria - **A análise da sala de recursos como um dos meios de desenvolvimento** - apesar dos professores ainda acharem alguns defeitos a respeito de tal sala, se sentem privilegiados pela escola despor da mesma, em vista que, muitas nem a possuem, e quando possuem ainda precisa de muita coisa para ser melhorada. Dessa maneira, na escola em questão, a sala encontra-se com alguns desfalques, mas é uma das maneiras mais utilizadas no processo de desenvolvimento de alunos com necessidades educacionais especiais.

De acordo com a Professora 1, *o problema é por ser pequena para atender todos os alunos e comportar os materiais didáticos, mas ao comparar com salas de outras escolas esta adequada, pois tem computador, quadro para inclusão dentre outros materiais didáticos.*

Enquanto a Professora 2, *a sala de recursos esta boa com professoras aptas e preparadas.*

A implantação de sala de recursos em escola de ensino regular para educandos com necessidades educacionais especiais, foi um instrumento de extrema importância no avanço de práticas pedagógicas lúdicas e inclusivas. Proporcionando: aos professores, um auxílio complementar nas disciplinas curriculares que lecionam dentro das salas de aula, onde nesse ambiente são trabalhados como métodos e instrumentos diferentes dos que estão presentes na sala regular; já para os alunos, propicia reforço de como entender e assimilar o que lhe é proposto dentro de sala de aula, onde possui melhor espaço para entender assuntos o que não lhe é oferecido na sala, devido a grande número de colegas que não necessitam de atendimento especial, acarretando a não atenção necessária por parte de alguns professores, ainda mais pelo fato de que nessa sala irá encontrar um educador mais capacitado para lidar com suas necessidades.

A sala de recursos só pode ser considerada instrumento de inclusão “[...] desde que consiga atender à diversidade, assegurando ao aluno a inclusão em situações de aprendizagem no ensino regular” (ARNAL; MORI, 2007, p.3 apud LOPES; MARQUEZINE, 2012, p.493,494).

O trabalho pedagógico a ser desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I, na Educação Básica deverá partir dos interesses, necessidades e dificuldades de aprendizagem específicas de cada aluno, oferecendo subsídios pedagógicos, contribuindo para a aprendizagem dos conteúdos na classe comum e, utilizando-se ainda, de metodologias e estratégias diferenciadas, objetivando o desenvolvimento da autonomia, independência e valorização do aluno. (PARANÁ, 2011, s./p. apud LOPES; MARQUEZINE, 2012, p.495).

Terceira categoria - **Impacto das atividades realizadas pelos professores com os alunos com necessidades especiais** – mediante as informações obtidas a professora do ensino regular busca sempre métodos lúdicos e diferentes, que busquem alcançar o aprendizado de tais alunos, tendo como apoio as atividades realizadas na sala de recursos, essas que dependendo do aluno são bem aceitas ou não, as mesmas que servem como uma complementação do assunto visto em sala de aula. Entretanto, de acordo com a professora inclusiva alguns alunos as veem inapropriadas para a suas idades, com isso criando algumas barreiras na hora da absorção do aprendizado.

Com os alunos só são trabalhados com jogos lúdicos, que sirvam de apoio e atividade complementar. O ponto positivo é que possui bastante aceitação por parte dos alunos por jogos online e jogos que eu mesma confecciono, entretanto alguns não aceitam bem por acharem que são jogos para crianças e não para a sua idade (Professora 1).

No primeiro ano que possui alunos com deficiência intelectual, para trabalhar com o surgimento do universo levou bolas de isopor e tinta guache para que tais alunos montassem por si só o sistema solar, outro exemplo foi a exposição das leis de Newton onde os alunos pintavam os desenhos referentes ao assunto (Professora 2).

Se ao lecionar para alunos sem NEEs é qualquer nível de ensino é importante à utilização de atividades pedagógicas para melhor assimilação e conseqüente aprendizado dos mesmos, ao voltar o olhar para crianças com NEEs verifica-se ainda mais a sua importância. Pois, são nestas atividades que o professor não só conquista o aluno, mas lhe incentiva a estudar pelo fato de que lhe mostra como o assunto que está lecionando em sala pode ser interessante. Atividades estas, que são trabalhadas tanto em salas de ensino regular (não sendo exploradas devidamente, pelo fato do educar ter de lidar com alunos com e sem NEEs e a correria das horas/aulas) e na sala de recursos (possuidora de um educador com dedicação exclusiva ao ensino inclusivo e de materiais e jogos

diversificados). Entretanto, observa-se na resposta de um dos educadores a cobrança por parte dos alunos de métodos e instrumentos diversificados inclusive na sala de recursos, por acreditarem que não pertencem sua faixa etária e que, portanto, são insignificantes para seu aprendizado.

À medida que a orientação de natureza inclusiva segue, torna-se cada vez mais necessário e complexo o processo de formação de professores da educação especial, seja na busca da definição de seus papéis no cenário educacional que se apresenta, seja no que diz respeito aos conhecimentos necessários para a consolidação de práticas pedagógicas e de condições de profissionalidade para o enfrentamento de uma realidade em mudança (ACQUA, 2007, p.116).

O lúdico é um dos elementos do processo de aprendizagem, e constitui-se em uma ferramenta de grande importância porque torna belo e prazeroso o ato de aprender, devendo ser uma constante no cotidiano da sala de aula, podendo contribuir para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. O trabalho com jogos viabiliza condições para que a criança se conheça, se descubra e ressignifique seus valores, costumes, ideias e papéis, conquistando espaços e vitórias, de forma a vencer desafios como a exclusão social, o isolamento, a inferioridade, a insegurança e o medo em se expressar (SILVA; VARGAS, 2014, p.132).

Quarta categoria - **A relação família-escola no processo de desenvolvimento escolar** – identifica-se por parte das professoras entrevistadas que não há uma participação ativa dos pais no processo de desenvolvimento escolar, torna-se um problema para as educandas, pois os mesmos devem manter um elo de ligação com a escola a fim de incentivar seus filhos a estarem frequentando as atividades propostas pelas professoras com o objetivo de uma melhor compreensão dos conteúdos por parte dos mesmos. Assim, como foi alegado por tais entrevistadas, não há esse incentivo por parte dos pais e muito menos a presença dos mesmos na escola, nem mesmo quando se tem entrega de notas ou reunião dos pais.

Conforme a Professora 1, *a família não é muito frequente ate mesmo em reuniões de pais e entrega de notas, a não ser quando solicitado por necessidade o que faz com que acabe indo na casa do aluno.*

E a Professora 2, *esta deixando a desejar, principalmente porque os pais não frequentam a escola e nem mandam os alunos no contra turno para receber o reforço.*

É corriqueiro o fato dos pais dedicarem a escola o sucesso e o fracasso de seus filhos, mas não veem que é de extrema importância estar presentes, não diariamente, mas

constantemente nas decisões escolares que iram influenciar direta e indiretamente seus filhos. E ao observar a participação de pais de alunos com NEEs na escola verifica-se ainda mais a importância de tal acompanhamento, pois é ao estar presente nesse cotidiano que o pai pode fazer um paralelo com a realidade familiar, com a escolar e buscar um caminho unificado que apoie e possibilite o desenvolvimento tal intelectual, quanto social de seus filhos. Sendo este fator frisado pelas entrevistadas que sentem a falta desta participação familiar no âmbito escolar, dificultando na tomada de decisões e no apoio que necessitam. Uma vez que observam que apenas alguns pais buscam verificar como anda o aprendizado de seus filhos, chegando a cobrar melhorias e propor mudanças, enquanto que outros mal frequentam a escola em dias de entrega de notas.

De acordo com Souza (2009, p. 7), a interação família/escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno.

Efetivamente a importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos tem um papel importante no desempenho escolar. O diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar. O envolvimento dos pais com a escola deve favorecer a reflexão de diferentes aspectos pedagógicos e psicológicos dos seus filhos, com vista a melhorar, de modo efetivo, o seu desempenho escolar (GOMES, 2010, p. 45).

A quinta categoria - **Diagnóstico do desenvolvimento escolar** – os professores destacaram que tal desenvolvimento depende muito da necessidade especial de cada aluno, pois alguns possuem mais facilidades que os outros, enquanto alguns têm dificuldade até mesmo para escrever quanto mais para assimilar conteúdos. Mas, para os professores conseguirem tal desenvolvimento deve haver por parte dos mesmos um esforço em planejar aulas que possam atingir a todos, coisa que nem todos os professores fazem, ou por falta de tempo e preparo, ou por falta de materiais, entretanto, mesmo diante de tais empecilhos é fato que alguns conseguem êxito no seu processo de desenvolvimento escolar.

Alguns sim outros não, pois depende da necessidade especial, pois alguns mal conseguem escrever e na sala de aula o professor de ensino regular não possui tempo e materiais necessários para atender a tais necessidades, devendo o professor de sala de recursos estar atuando diretamente na sala de aula, e os alunos não gostam de frequentar a sala

de recursos, pois acham que já estão grandes e é coisa de doido
(Professora 1).

Do ponto de vista da Professora 2, *ao se analisar suas necessidades e deficiências eles chegam sim em um nível razoável, entretanto deve existir um trabalho diferenciado.*

O ato de lecionar requer muito esforço e empenho por parte dos educadores, e que muitas vezes não é valorizado pela sociedade. Entretanto, observam-se nas entrevistas realizadas com as duas professoras, que o sucesso e o fracasso, dos alunos com NEEs em grande parte advêm das mesmas. Pois, verifica-se o empenho que ambas dedicam na elaboração de planos de aula e materiais de apoio para maior interação com esses alunos, com as matérias curriculares e assim, visando seu maior e melhor desenvolvimento. Mesmo diante de um cenário que muitas vezes não favorece em nada na educação inclusiva: falta de investimento de recursos por parte do Governo do Estado/Secretaria de Educação, participação e interação familiar e muitas vezes a oposição por parte dos próprios alunos em querer, não só aprender os diversos conhecimentos humanos (matemática, ciências, português, outros), como também ser relacionar com seus colegas de sala (relações sociais favorecem intensamente a evolução social e civil do ser humano como espécie), principalmente pelo fato de que possuem NEE peculiares.

As adequações curriculares constituem, pois, possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adequação do currículo regular, quando necessário, para torna-lo apropriado as peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos (ARANHA, 2003, p.34).

Sexta categoria - **Contribuição da gestão escolar no processo de desenvolvimento do aluno** – sabemos que é de suma importância o apoio da gestão escolar para que haja um processo educacional de qualidade, principalmente quando este ensino também é destinado a alunos que possuem certas limitações. Desta forma, as entrevistadas colocaram que a escola em questão sempre está disposta a ajuda-las quando se refere a métodos e materiais que contribuem para o processo de ensino de alunos com necessidades educacionais especiais.

Conforme a Professora 1, *através da destinação de recursos para a compra de materiais para a sala. E a medida do possível a equipe gestora atua diretamente junto a inclusão.*

E a Professora 2, que foi bem sucinta “*Sim, ajudam*”.

O ser humano nas suas relações pessoais e interpessoais em grupo sempre se utilizou da figura de um líder que possa orientar e ditar o caminho e a direção a ser seguida pelos demais membros. E na escola com uma instituição social não se faz diferente, necessitando uma equipe gestora (principalmente na figura de um diretor e coordenador pedagógico) capaz e eficiente que possa envolver toda a comunidade escolar (pais, professores e alunos) para o sucesso de sua função primordial que é educar e desenvolver todos os educandos que fazem presente diariamente dentro da sala de aula. Nesse ponto de vista, ao analisar a ação da equipe gestora da escola para com alunos com NEEs nota-se que é imprescindível a busca que essa gestão deve fazer para englobar toda comunidade escolar, para que cada aluno detentor de qualquer tipo de necessidade se sinta parte de um todo, assim como os pais sintam que seus filhos são valorizados e os professores se sintam apoiados em suas atividades em sala.

Conforme Silva (2006, p.73) o diretor é uma figura essencial para a implantação e o desenvolvimento de qualquer inovação pedagógica, bem como para sua continuidade e para desenvolvimento bem sucedido.

O diretor, mais que qualquer outro funcionário do sistema escolar, está na posição de entender e ser sensível ao status e às necessidades dos professores e de outros funcionários de serviço direto para desenvolver as atitudes e habilidades necessárias para que as práticas inclusivas possam florescer. Quer através da avaliação formal das necessidades ou apenas conhecendo as pessoas com quem trabalha, o diretor deve ser capaz de discernir o que a equipe como um todo, e também seus membros individuais, necessitam para se desenvolver (SILVA, 2006, p.78).

Na sétima categoria - **O impacto das Relações Interpessoais no desenvolvimento** – de acordo com uma das professoras entrevistadas no início foi necessária uma intervenção da parte gestora para que os demais alunos aceitassem os alunos com necessidades especiais, onde após tal intervenção houve uma maior aceitação dos mesmos. Mas, essa relação para ela ter um impacto positivo ou negativo, depende muito do educador, pois se encontramos professores que não fazem nada para incluir, torna-se difícil a participação de tais alunos com os demais da sala de aula.

Segundo a Professora 1, *no início do ano teve casos de exclusão, sendo preciso a equipe gestora da escola estar atuando diretamente na sala de aula um tipo de bullying.* Enquanto a Professora 2:

Depende muito do professor regente de sala, porque nós professores temos o trabalho de juntar e socializar os alunos entre si. Um exemplo é

um aluno com baixa visão que reluta em se socializar com os demais, entretanto eu como educadora busca incentivar a realização de trabalhos grupais a fim de que se possa buscar uma boa interação e consequente socialização de sala.

Em aspectos gerais, o diferente torna-se estranho em meio tantas coisas normais. Dessa forma, no ser humano em sua jornada evolutiva constantemente aparecem caracteres em indivíduos particulares que o destacavam dentre os demais, e lhe proporcionava maior aceitação dentre os demais da espécie ou exclusão do meio a qual vivia. Sendo assim, nos dias atuais não é muito diferente do exemplo citado anteriormente, pois, ao se analisar na escola, verifica-se que alunos com NEEs muitas vezes são menosprezadas e excluídas pelos demais. Entretanto, para reverter essa situação vê que a necessidade de uma interação entre colegas de mesma escola para uma inclusão escolar, de forma que tais colegas observem as limitações que tais alunos possuem e possam ajuda-las no desenvolvimento educacional, e assim, tornam-se amigos propiciando o desenvolvimento social e civil de ambas. E para o sucesso dessa relação há necessidade de que os pais estimulem a extinção do preconceito dentro de casa, em atitudes externas e de professores na união da classe.

Segundo Souza e Batista (2008, p. 383), as relações entre pares têm destacado o papel da criança na interação social como um elemento importante a ser considerado no processo de construção, desenvolvimento e transformação do indivíduo, da cultura e da sociedade.

Ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, por meio da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo (Vygotsky 1994, s./p. apud REIS, 2006, p.16).

A interação entre pares em casa, na vizinhança, na comunidade e na escola constitui um importante elemento da vida social da criança, pois promove um contexto propício ao desenvolvimento de suas competências sociais (GURALNICK, 1997, s./p. apud SOUZA; BATISTA, 2008, p.383).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão evidenciou o ponto de vista de professores sobre o processo de desenvolvimento escolar de alunos com necessidades especiais. De maneira que, tornasse possível observar os métodos de ensino utilizados pelos professores dando enfoques inovadores e inclusivos que possibilitassem o desenvolvimento escolar de alunos com deficiência, e também analisar a opinião dos professores referentes a novas técnicas de ensino que poderiam ser utilizadas na escola.

Dessa maneira, para tornar possível a compreensão de tais objetivos, tornou-se necessário a realização de uma pesquisa de caráter qualitativa, onde por meio de entrevista semiestruturada foi possível assinalar as opiniões de algumas professoras, opiniões essas que muitas vezes se assemelhavam e em outras se diferenciavam. Assim, percebeu-se que houve uma evolução no processo inclusivo, havendo a inserção de novas metodologias, e também um melhoramento na estrutura das escolas que estavam dispostas a aceitar tais alunos. Mesmo que, tenha ainda alguns problemas a serem resolvidos, como a reestruturação e a criação de salas de recursos, que foram pontos mencionados como solução no melhoramento do rendimento escolar de alunos especiais.

Por conseguinte, podemos perceber que a participação dos pais junto à escola é um dos pontos que também ajuda no desenvolvimento escolar de seus filhos, pois não cabe somente a escola a responsabilidade de ensinar e de tomar decisões. Um dos mediadores de tal desenvolvimento é também os gestores, esses que são a linha de frente das escolas, e que tornam possível um bom rendimento escolar, possibilitando desta maneira a inclusão escolar.

Entretanto, mediante os dados obtidos, foi observado que para que ocorra um processo de inclusão escolar onde haja um desenvolvimento de tais alunos, é necessária a participação de toda comunidade escolar e também da família, ambas agindo em conjunto. Onde, dentro do âmbito escolar vê a necessidade da inserção de novos métodos e de profissionais qualificados para atender a esse público, que possuem limitações peculiares. E na família, a maior participação nas tomadas de decisões e no acompanhamento escolar, deixando de lado a ideia de que só é preciso ir à escola quando se é solicitado.

Todavia, dentre as categorias analisadas, vale ressaltar a que fala a respeito da sala de recursos, sala essa que é essencial no desenvolvimento do aluno com necessidade educacional especial, a mesma seria um ótimo tema para um futuro trabalho de pesquisa, em vista que, nem todas as escolas disponibilizam esse recurso e algumas que disponibilizam ainda enfrentam problemas com estrutura e com materiais específicos para tal ensino.

Portanto, sabemos que o processo de desenvolvimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais, ainda precisa evoluir bastante, quando nos referimos a meios e profissionais qualificados a atenderem tais educandos. Sendo necessário um maior suporte por parte do Estado, não só em recursos, mas também no oferecimento de capacitações para os professores e na orientação para pais, que muitas vezes não possuem condições de buscar suporte médico para seus filhos.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Denise de Oliveira. BARBOSA, Kátia Aparecida Marangon. **Experiências Educacionais Inclusivas: Refletindo Sobre o Cotidiano Escolar.** Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade / Organizadora, Berenice Weissheimer Roth. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 191 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/experienciaseducacionaisinclusivas.pdf>>. Acessado em: set.2015.

BARBOSA, Dayse Patrícia P. SALDANHA, Cirleyde Alayde. BARBOSA, Márcia Regina. **Educação Inclusiva: Um Olhar ‘Legal’ De Práticas Pedagógicas No Caic Do Cabo De Santo Agostinho.** Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2008.2/educacao%20inclusiva%20um%20olhar%20legal%20de%20prticas%20pedaggicas%20no.pdf>. Acessado em: set.2015.

BARBOSA, Gláucia Bomfim. BARRETO, Elma da Silva. **A Inclusão Escolar Da Criança Com Deficiência Na Rede Regular De Ensino: Desafios E Possibilidades.** Disponível em: <http://midia.unit.br/enfope/2013/GT6/A_INCLUSAO_ESCOLAR_CRIANCA_DEFICIE NCIA_REDE_REGULAR_ENSINO_DESAFIOS_POSSIBILIDADES..pdf>. Acesso em: fev. 2015.

BERETA, Mônica Silveira. VIANA, Patrícia Beatriz de Macedo. **Os Benefícios Da Inclusão De Alunos Com Deficiência Em Escolas Regulares.** Revista Pós-Graduação: Desafios Contemporâneos, v.1, nº1, jun./2014. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/revposgraduacao>>. Acessado em: set.2015.

BRAGA, Adelaide Maria Melo. **Inclusão Escolar De Alunos Com Deficiência Intelectual Em Escolas Regulares.** Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_12_2010.pdf>. Acessado em: set.2015.

BRIANT, Maria Emília Pires. OLIVER, Fátima Corrêa. **Inclusão De Crianças Com Deficiência Na Escola Regular Numa Região Do Município De São Paulo: Conhecendo Estratégias E Ações.** Rev. bras. educ. espec. vol.18 nº.1 Marília, Jan./Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000100010>. Acessado em: set.2015.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. **Uma Retrospectiva Da Formação De Professores: Histórias E Questionamentos.** VI Seminário de Redestrado – Regulação Educacional e Trabalho Docente, 06 e 07 de novembro de 2006 – UERJ – Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_1/uma_retrospec _form_prof.pdf>. Acessado em: set.2015.

DASSOLER, Olmira Bernadete. LIMA, Denise Maria Soares. **A Formação E A Profissionalização Docente: Características, Ousadia E Saberes**. Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3171/522>>. Acesso em: set. 2015.

DUBOC, Maria José Oliveira. **Formação do professor, inclusão educativa: uma reflexão centrada no aluno surdo**. Sitientibus, Feira de Santana, n.31, p. 119-130, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/formacao_do_professor.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. / Celeste Azulay Kelman [et al.]; coordenação de Diva Albuquerque e Silviane Barbatto. – Brasília: Editora UnB, 2010. 280 p. : il. color. ; 23cm.

FRIAS, Elzabel Maria Alberton. MENEZES, Maria Christine Berdusco. **Inclusão Escolar Do Aluno Com Necessidades Educacionais Especiais: Contribuições Ao Professor Do Ensino Regular**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-8.pdf>>. Acesso em: fev. 2015.

GIROTO, Claudia Regina Mosca. POKER, Rosimar Bortolini. OMOTE, Sadao. **As Tecnologias Nas Práticas Pedagógicas Inclusivas**. Marília, 2012. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/as-tecnologias-nas-praticas_e-book.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

GOMES, Maria de Fátima Canuto. **Papel da Família na Inclusão de Alunos portadores de deficiência auditiva: Estudo de Caso na escola básica Eugénio Tavares**. Disponível em: <<http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/10964/78/1/TESE%20Maria%20de%20F%C3%A1tima.pdf>>. Acesso em: out.2015.

GRANEMANN, Jucélia Linhares. **Educação Inclusiva: Análise De Trajetórias E Práticas Pedagógicas**. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS, 2005. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7801-educacao-inclusiva-analise-de-trajetorias-e-praticas-pedagogicas.pdf>>. Acesso em: fev. 2015.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A Inclusão Escolar De Alunos Surdos: O Que Dizem Os Alunos, Professores E Intérpretes Sobre Esta Experiência**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669>>. Acesso em: set.2015.

LOPES, Esther. MARQUEZINE, Maria Cristina. **Sala de Recursos no Processo de Inclusão do Aluno com Deficiência Intelectual na Percepção dos Professores**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 18, n. 3, p. 487-506, Jul.-Set., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n3/a09.pdf>>. Acesso em: out. 2015.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – Características, Usos E Possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, nº3, 2º Sem./1996. Disponível

em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acessado em: set. 2015.

PLETSCH, Márcia Denise. **A Formação De Professores Para Educação Inclusiva: Legislação, Diretrizes Políticas E Resultados De Pesquisas.** Educ. rev. n.º.33 Curitiba 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602009000100010&script=sci_arttext>. Acessado em: set.2015.

SANCHES, I. (2005). **Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva.** Revista Lusófona de Educação, 5, 127-142. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n5/n5a07.pdf>>. Acesso em: fev. 2015.

SANTOS-LIMA, Helena Tatiana. **O Papel Do Professor No Contexto Inclusivo: Uma Reflexão A Partir Da Teoria Da Subjetividade.** e-Revista Facitec, v.4, n.º.1, Art.4, Jan-Jul. 2010. Disponível em: < http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2>. Acessado em: set./2015.

SAVIANI, Demerval. **Formação De Professores: Aspectos Históricos E Teóricos Do Problema Do Contexto Brasileiro.** Revista Brasileira de Educação, v. 14, n.º40, jan./abr. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>>. Acessado em: set.2015.

SCARDUA, Valéria Mota. **A Inclusão E O Ensino Regular.** Revista FACEVV - 2º Semestre de 2008 - Número 1. Disponível em: < <http://www.facevv.edu.br/Revista/01/A%20INCLUS%C3%83O%20E%20O%20ENSINO%20REGULAR.pdf>>. Acessado em: set.2015.

SILVA, Ana Paula Mesquita da. ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. **O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar.** . Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – n.º 1 – 2014. Disponível em: < http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf>. Acessado em: set. 2015.

SILVA, Claudia Lopes da. **O papel do diretor escolar na implantação de uma cultura educacional inclusiva a partir de um enfoque Sócio-Histórico.** Disponível em: < <file:///C:/Users/Licynha%20Santos/Downloads/clauidalsilva.pdf>>. Acessado em: out.2015.

SILVA, Lidia Martins Da. **Educação Inclusiva E Formação De Professores.** Cuiabá – MT. Setembro 2009. Disponível em: <http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2010069353641lidia_monografia.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

SILVA, Tatiane M. Dutra da. VARGAS, Patrícia Leal de. **O Lúdico E A Aprendizagem Da Pessoa Com Deficiência Visual.** Revista Pós-Graduação: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS v.1, n. 1, jun/2014. Disponível em: < <file:///C:/Users/Licynha%20Santos/Downloads/620-2003-1-PB.pdf>>. Acessado em: out.2015.

SILVEIRA, Flávia Furtado. NEVES, Marisa Maria Brito da Justa. **Inclusão Escolar de Crianças com Deficiência Múltipla: Concepções de Pais e Professores.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan-Abr 2006, Vol. 22 n. 1, pp. 079-088. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n1/29847.pdf>>. Acesso em: fev. 2015.

SOUZA, Aline de Jesus. PASSOS, Carla Michele Batista. LISBOA, Geise dos Santos. SOUZA, Luciene Santos de. CARNEIRO, Telmária Cana Brasil. **A Inclusão De Crianças Portadoras De Necessidades Especiais E Os Desafios Do Docente Em Lidar Com Isso.** Disponível em: <http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/INCLUSAO_CRIANCAS_PORT_NEC_ESPECIAIS.pdf>. Acessado em: set.2015.

SOUZA, Carolina Molina Lucenti de. BATISTA, Cecilia Guarnieri. **Interação entre Crianças com Necessidades Especiais em Contexto Lúdico: Possibilidades de Desenvolvimento.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a06.pdf>>. Acessado em: out. 2015.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/Escola: A Importância Dessa Relação No Desempenho Escolar.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. Acessado em: out.2015.

TOLEDO, Elizabete Humai de. MARTINS, João Batista. **A Atuação Do Professor Diante Do Processo De Inclusão E As Contribuições De Vygotsky.** Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3298_1675.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

ZAMPIERI, Daniela Cristina. SOUZA, Daniele de Paula. MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. **Escola Inclusiva: O Papel De Colegas E Professores Na Constituição Do Sujeito.** CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 3., 2008, São Carlos. Anais, 2008. Disponível em: < <http://www.unimep.br/~mbmontei/iii-congresso-brasileiro-educacao-especial.pdf>>. Acessado em: set.2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Há quanto tempo trabalha na escola?
2. Qual sua formação? Possui alguma especialização?
3. Como você vê a inclusão escolar na Escola de Ensino Médio Craveiro Costa?
4. Como analisa a sala de recursos? O que precisa ser melhorado?
5. Relate suas atividades desenvolvidas com tais alunos. Destacando pontos positivos e negativos no cotidiano da sala de aula.
6. Em respeito da relação família-escola, como você observa?
7. Você considera que os respectivos educandos chegam a determinado ano letivo em um nível razoável em relação aos educandos tidos “normais”?
8. Há gestão escolar por meio de PPP e recursos contribui efetivamente para o seu trabalho e o desenvolvimento do aluno?
9. Você vê a interação dos demais alunos com os alunos de baixa visão, de forma a ajuda-los ou exclui-los do grupo?

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Participante Voluntário

Nome do Participante Voluntário: _____

E-mail(opcional): _____